

A Teoria da Utilização Progressiva, ou "PROUT" (do inglês *PROgressive Utilization Theory*), é uma alternativa sócio-econômica prática ao capitalismo global. PROUT é descrito como "socialismo progressivo" pelo seu fundador, o filósofo indiano Prabhat Ranjan Sarkar (1921-1990).

“Pense como Uma Família, Aja como um Herói” O Espírito Interno de PROUT

Acarya Krsnasevananda Avadutha

Em Jamalpur, Índia, em 1959, P. R. Sarkar deu os seus discursos pioneiros de PROUT, a Teoria da Utilização Progressiva. A frase de abertura do seu discurso final foi “O universo é exatamente como uma família conjunta [*joint family*]” (uma família conjunta é uma família ampliada, incluindo as crianças de mais do que uma geração). É este tipo de pensamento de família que, eu estou seguro, é a chave para se entender PROUT. Imagine por um momento que os seus pais foram extraordinariamente prolíficos e que todas essas pessoas em torno de você, de fato cada pessoa no planeta inteiro, sejam sua família.

Será que a sua família permite que pessoas morram de fome? Será que a sua família permite que os membros mais fortes torturem os mais fracos ou acumulem luxúrias privando-os de suas necessidades básicas?

Você permite que alguns membros da sua família perambularem sem abrigo, ou simplesmente fiquem parados e testemunhem assassinato, roubo e estupro sem intervirem? É claro que não.

Será que a sua família sente que a sua casa pertence a todas as pessoas, ou apenas à mãe ao pai? E será que a opinião de cada pessoa tem o mesmo peso na tomada de decisões, ou será que as decisões são tomadas pelos membros mais sábios e mais experientes da família, aqueles que provaram que conseguem pensar pelo benefício de todos? Finalmente, você não encoraja todos os membros da família a desenvolverem e a utilizarem o seu potencial pleno?

Para aqueles de vocês que conhecem um pouco de PROUT, eu espero que vocês comecem a concordar que o espírito da família ideal é a inspiração por trás do pensamento de PROUT. Ainda que haja regras estritas na vida familiar, não há questão de opressão, supressão ou repressão. Desde a garantia das necessidades básicas da vida, ao controle da acumulação de riqueza, como também a liderança benevolente de pessoas morais, os princípios de PROUT refletem claramente o espírito familiar de amor e justiça. E se há áreas da política de PROUT que ainda precisam ser formuladas, eu estou confiante que tudo o que precisamos para formulá-las corretamente é colocar as nossas cabeças no “modo de família” e seguir adiante.

Mas será que isto é prático? Estes são ideais elevados, mas a questão é, será que isto irá funcionar? Como isto se compara com o capitalismo e a democracia quando a coisa chega nos dólares e centavos e na proteção dos direitos das pessoas?

Para começar, eu não acho que o capitalismo e a democracia representem um desafio tão grande. Hoje em dia, no mundo predominantemente capitalista e democrático, mais da metade da população mundial vive na pobreza. Excluindo as economias asiáticas, a maioria dos países do mundo, incluindo os EUA, têm experimentado uma diminuição do poder de compra, um aumento no desemprego e um desespero social crescente desde meados dos anos 70 (a Austrália agora lidera o mundo em número de suicídios de jovens). Mais recentemente, os Tigres Asiáticos colapsaram, colocando milhões de pessoas em crise financeira e algumas à beira da revolta.

Outras estrelas em ascensão, como o Brasil, oscilam na beira do desastre. A Rússia, recentemente tornada democrática e capitalista, está em caos econômico e social, e os sorrisos nos rostos dos novos capitalistas da China estão desaparecendo no meio do caminho até o banco. Todos os métodos falharam no revívio da economia japonesa, e mesmo nos EUA (que, alguns afirmam, somente está desfrutando a sua recente expansão porque é o último lugar seguro para se investir) um marido e uma esposa têm ambos de trabalhar, e por mais horas, para manterem um estilo de vida comparável àquele que se podia desfrutar em 1975, com o rendimento de um só. As sirenes de alarme podem ter emudecido nas mentes de alguns americanos que desfrutaram de um estado de pileque econômico temporário (surpreendentemente aptos a esquecerem o sofrimento e o suor com que são cobrados pelo mesmo), mas para a maior parte do mundo, o tempo para se substituir o capitalismo já chegou.

Por que a ética importa

A minha proposição é que pensar como uma família não apenas funciona melhor que o capitalismo, mas é a única abordagem que irá nos salvar. A primeira razão para isto está na própria maneira como o universo funciona.

“O universo é exatamente como uma família conjunta”. A visão de mundo por trás desta declaração é de que todos nós viemos de uma única consciência infinita, e cada átomo, molécula, planta, animal e ser humano está evoluindo de volta para essa consciência. Não há nenhum favoritismo nisto, não há tratamento preferencial de acordo com casta, cor, sexo ou espécie. O universo está arranjado como um lugar onde todos podem evoluir, não apenas os brancos, os ricos, ou a espécie humana.

Este fluxo evolucionário coletivo em direção a o que não tem limites, é uma força poderosa. Na tradição espiritual indiana, ela é conhecida como “Dharma”, e na tradição chinesa, “Tao”. *Dharma* representa o fluxo subjacente ou impulso do universo. Uma vez que tenhamos entendido isto, torna-se óbvio que qualquer indivíduo, grupo ou sociedade que apenas considera os seus próprios interesses, e bloqueia o progresso dos demais, está atraindo a sua própria ruína. Uma exploração desta natureza está em conflito direto com *Dharma*. A mensagem é simples: “Aquilo que não serve genuinamente ao interesse coletivo, jamais poderá manter-se.”

Conseqüentemente, não é difícil de se ver que os “sucessos” unilaterais do capitalismo, criando pessoas ricas e pobres, países ricos e pobres, também jamais poderão durar. Esses sucessos sempre serão de curto prazo e terminarão em depressões, guerras, desastres ecológicos e outros sintomas tais de equívoco fundamental.

Inversamente, as poderosas leis da natureza também irão assegurar que qualquer indivíduo, grupo ou sociedade que busca promover o progresso de todas as suas criaturas irá ser sustentado e levado adiante pelo fluxo da evolução, tal como uma jangada arrastada por uma onda, e inevitavelmente irá estabelecer-se e perdurar.

A ética, portanto, deverá ser o fundamento da boa economia. E é aqui que PROUT começa. Ainda que PROUT tenha 16 princípios, P. R. Sarkar, o pai da filosofia de PROUT, destacou cinco deles como “princípios fundamentais”. O primeiro (do que podemos inferir que seja o mais importante) desses princípios fundamentais é uma declaração ética sem concessões: “Não se deve permitir que nenhum indivíduo acumule qualquer riqueza física sem a permissão clara do corpo coletivo da sociedade” ⁽¹⁾. Nós estamos tão treinados para pensar no modo *laissez-faire* do pensamento capitalista ego-cêntrico, que um tal princípio soa como uma imposição sobre a nossa liberdade.

Se, contudo, por um breve momento, nós colocarmos as nossas cabeças no “modo de família”, considerando a sociedade como sendo a nossa própria família, então poderemos aceitar esse princípio como completamente normal e, na verdade, essencial. Pois qual é a família que permite que alguns de seus membros acumulem enorme riqueza enquanto outros minguam de fome? A chave, portanto, é pensar como uma família.

Distribuição Racional

O princípio da não-acumulação forma a primeira parte da política de “Distribuição Racional” de PROUT. Dois princípios adicionais constituem a política completa ⁽²⁾. O primeiro é: “Os requerimentos mínimos em qualquer época devem ser garantidos a todos.” Este princípio significa que as necessidades básicas, tais como comida, vestuário, cuidado médico, abrigo e educação, devem ser garantidas a cada membro da sociedade.

De fato, em uma Constituição de PROUT, requerimentos mínimos garantidos deverão ser estabelecidos como um direito humano fundamental. As palavras “em qualquer época” deixam espaço para mudanças no que consideramos serem necessidades básicas. PROUT recomenda que a maneira apropriada de se cumprir esse princípio seja garantir empregos a todos os adultos capazes de trabalhar, e assegurar que os pagamentos ou salários desses empregos proporcionem um rendimento suficiente para a aquisição das necessidades básicas da vida.

Mais uma vez, dentro da maneira capitalista de pensar, o “eu-primeiro”, uma tal idéia viola os princípios de uma boa economia, mas se a julgarmos do ponto-de-vista do gerenciamento familiar, ela faz perfeito bom senso. Contudo, mesmo em uma família, os indivíduos precisam de recompensa, encorajamento e reconhecimento. Algumas vezes um irmão ou irmã mais velhos podem receber um quarto só para si ou usar o carro da família. De acordo com o valor de suas contribuições para o bem-estar da família, certos membros podem receber amenidades adicionais que tornarão mais fácil para eles desenvolver e expressar os seus maiores talentos e responsabilidades.

Para levar em conta essa necessidade, o terceiro princípio de PROUT declara que “O excedente, após a distribuição dos requerimentos mínimos, deverá ser distribuído de acordo com o valor social da produção do indivíduo.” Este princípio assegura que o indivíduo, como também o coletivo, seja reconhecido e tratado justamente, evitando assim o grande erro crasso do comunismo, que é o de tentar reduzir todas as pessoas a um mesmo nível comum.

Colocando estes três princípios juntos, vemos um sistema de distribuição que tem um mínimo, um máximo e uma distância razoável entre os dois. (Seria interessante levantar a questão para debate público, de o que constitui uma “distância razoável”. As cooperativas Mondragón, na Espanha, funcionam com sucesso com um diferencial de 3 para 1. Outros sugeriram uma distância tão grande quanto de 10 para 1. A diferença atual entre o salário mínimo e os salários de alguns dos CEOs ⁽³⁾ mais altos é tão grande quanto 1000 para 1.)

Em vez de um grupo apropriando-se de mais do que lhe cabe, os níveis mínimo e máximo irão ser elevados um em seguida do outro, na medida em que o padrão de vida da sociedade aumentar. Serão feitos esforços para se diminuir gradualmente a diferença entre os níveis dos pagamentos mínimo e máximo, ainda que essa diferença jamais será inteiramente eliminada.

O sistema de distribuição racional de PROUT equilibra cuidadosamente as necessidades tanto do coletivo quanto do indivíduo. Até que tais princípios básicos sejam aceitos, a humanidade não terá desenvolvido a consciência de que ela carece para passar com sucesso ao terceiro milênio.

Economia de Família na Prática

Boa em teoria, mas será que ela funciona na prática? A resposta é “Sim”. Podemos encontrar a prova olhando para os desenvolvimentos econômicos ao nosso redor. Depois da Segunda Guerra Mundial, o Japão demonstrou uma recuperação econômica dramática, e a indústria japonesa tornou-se reconhecida como altamente competitiva.

Por quê? Dentro das companhias japonesas, a distribuição de riqueza é mais como uma família. A diferença entre o pagamento mínimo e máximo é menor, as garantias dos requerimentos mínimos são mais firmes, e o envolvimento dos empregados no processo de gerenciamento é maior do que nos sistemas individualistas, que não se parecem com uma família. Os japoneses trabalham muitas horas, mas eles fazem isso porque, ao menos até recentemente, o topo da gerência reciprocamente tomava conta dos empregados como se fossem uma família.

Por que então o Japão não continuou a prosperar? Infelizmente, o pensamento de família que o Japão aplicou com tanto sucesso entre os seus próprios cidadãos, ele falhou completamente em aplicar nos seus negócios com o resto do mundo. A economia global também é uma família, e uma família onde apenas um dos seus membros prospera, e o resto declina, eventualmente irá colapsar. Arranjos comerciais unilaterais não podem continuar para sempre. Esses arranjos comerciais unilaterais por parte da Japan Inc. e das companhias multinacionais mundiais estrangulou a economia global, que não consegue mais absorver o excesso de produção industrial.

Uma das razões do milagre econômico do Japão que menos foram tornadas públicas foi a natureza igualitária das reformas econômicas impostas na economia japonesa pelas forças de ocupação após a Segunda Guerra Mundial. Reformistas idealistas do “New Deal”, livres da oposição de interesses escusos com que eles se deparavam em casa, e dotados de poderes ditatoriais ilimitados dentro do Japão, criaram o que veio a ser uma revolução social. As grandes companhias familiares (Zaibatsu) foram quebradas, latifundiários foram submetidos a um teto à acumulação de terras, e grandes áreas de terra foram vendidas a fazendeiros ocupantes a preços muito baixos. Os preços de bens agrícolas foram amarrados aos preços no setor industrial, e leis trabalhistas poderosas asseguraram bons pagamentos e condições de trabalho. Juntas, essas reformas geraram um aumento na capacidade aquisitiva e na atividade empresarial que ultrapassou todas as expectativas, formando a base para a recuperação do Japão. Em medida menor, reformas similares foram aplicadas na Coreia, Taiwan e Cingapura, e em todos esses países os governos desempenharam um papel forte ao priorizarem a recuperação nacional em vez dos interesses econômicos individuais. Como resultado, cada um desses países desfrutou de um sucesso econômico espetacular, mas mesmo assim, em todos esses casos, a falha em aplicar o mesmo estilo de pensamento de família fora das suas próprias fronteiras inevitavelmente plantou as sementes da reação na economia mundial.

Ausência de egoísmo como política econômica

A diferença entre o pagamento mínimo e máximo tem efeitos importantes sobre a produtividade. Quando não há diferença, a produtividade é baixa; esta é a condição do comunismo. Na medida em que a diferença é aumentada, a produtividade aumenta em resposta ao estímulo de incentivos maiores. Mas se for permitido que essa diferença continue aumentando sem controle, notaremos que a produtividade irá diminuir novamente; esta é a situação do capitalismo avançado. A diferença grande entre ricos e pobres cria pobreza extrema de um lado e riqueza excessiva do outro -- ambos os quais são um desperdício de recursos produtivos. Devido à má educação e ao desemprego, a capacidade produtiva de um grande número de pessoas pobres não é completamente utilizada. Por frustração, muitas pessoas recorrem ao crime ou ficam dependentes de assistência. Enquanto isso, os ricos tipicamente gastam uma porção maior de sua riqueza em investimento especulativo do que produtivo. Decisões econômicas guiadas apenas pelo desejo de lucro ao final também reduzem a economia à estagnação. No esforço de cortar custos, o número de empregados é reduzido. Se um número maior de pessoas ficar desempregado, naturalmente a capacidade aquisitiva será afetada, resultando em uma queda na demanda. Quando a demanda cai, a economia entra em uma recessão. O capitalismo corta a sua própria garganta devido ao egoísmo. Uma pessoa não precisa ser um economista para compreender isto.

A ausência de egoísmo, entretanto, fortalece a economia. Quanto mais aumentarmos a capacidade aquisitiva das pessoas (proporcionando emprego), tanto mais dinheiro elas terão para estimular nova produção. Cegos pela ganância, os capitalistas não querem enxergar esse ponto simples, e por isso, todo o mundo capitalista se depara com a probabilidade cada vez maior de uma depressão econômica.

Vemos assim que, longe de ser mero idealismo, a abordagem ética ou de família sugerida por PROUT também é boa economia. Não importa para onde você olhar dentro de PROUT, cada política de PROUT está baseada no pensamento de que o universo constitui uma grande família. Mesmo se uma pessoa não fosse um economista brilhante, ela poderia criar soluções de PROUT para quase todos os problemas simplesmente aplicando esse tipo de pensamento.

Agir Como um Herói

A perspectiva do sistema de auto-desenvolvimento do Tantra, no qual PROUT está baseado, é de que “a luta é a essência da vida”. Por que isto é assim, e quais são as implicações disso na esfera social? De acordo com o Tantra, o universo existe devido a um equilíbrio entre duas forças: *Vidya* e *Avidya* – a força centrípeta e a força centrífuga, respectivamente.⁽⁴⁾ Dentro desse equilíbrio universal, os seres vivos estão avançando no caminho centrípeta em direção ao núcleo ou fonte da criação, guiados por *Vidya*. O progresso humano, portanto, é uma luta heróica constante contra a força centrífuga de *Avidya*. Aquelas pessoas que relutam em aceitar a necessidade de luta vivem em um paraíso de tolos, com desapontamento garantido. Aquelas que aceitaram-na consideram as dificuldades como os marcos da vitalidade, e prosseguem desfrutando a vida. “Os corajosos desfrutam o mundo.”⁽⁵⁾

O samurai é disciplinado e ao mesmo tempo relaxado. Por quê? Ele aceitou a disciplina como uma necessidade inevitável da vida e não tenta mais, nem deseja, evitá-la. Ela tornou-se uma parte dele, automática; ele desfruta dela porque ela é [parte da] vida.

A ilusão atraente, perigosa, da democracia

Luta significa vida, e falta de luta significa morte. Na esfera social, isto significa aceitar, ou melhor, abraçar uma luta constante contra a imoralidade e a exploração. Na ausência de luta, *Avidya* inevitavelmente irá dominar. Mas onde é que há luta nas sociedades democráticas de hoje em dia? Será que fazer um voto secretamente, uma vez a cada quatro anos, em época de eleições, é um sinal de luta heróica?

Nós somos tranquilizados a acreditar que um sistema que não o heroísmo poderá proteger-nos contra a exploração; enquanto isso, o laço da exploração é imperceptivelmente apertado em volta do nosso pescoço. A democracia é a maior vaca sagrada do século vinte.⁽⁶⁾ Ninguém ousa criticá-la, mas não obstante, ela é, em minha opinião, em grande medida uma fraude. A definição de democracia é: “O governo do povo, pelo povo e para o povo.” Ainda assim, no bastião da democracia, os EUA, é comum que menos de 50% dos eleitores habilitados dêem-se ao trabalho de votar. Quando perguntados por que, a resposta mais comum é: “De qualquer jeito não muda nada.” Será que esse é “o governo pelo povo”?⁽⁷⁾

De acordo com PROUT, jamais houve, nem jamais haverá uma época em que toda e cada pessoa irá governar. Ao invés disso, em cada época particular da história, “um grupo sempre domina”.⁽⁸⁾ O grupo pode ser de guerreiros,

intelectuais ou aquisidores. ⁽⁹⁾ O domínio delas pode ser benevolente ou explorador – mas elas lideram a sociedade. Portanto, é um equívoco avaliar e julgar a saúde de uma dada sociedade a partir da proposição impossível de um governo pelo povo. Ao invés disso, aquilo a respeito de que devemos ficar vigilantes é o caráter do grupo dominante – ou seja, se ele é explorador ou benevolente, capaz ou incompetente.

Democracia e a classe aquisidora

Atualmente, a democracia é sobretudo uma cortina de fumaça que encobre o fato de que um pequeno grupo de pessoas está explorando o mundo de todas as maneiras possíveis. Essa exploração somente pode ser mantida enquanto as pessoas acreditarem na ilusão do auto-governo, ou seja, na democracia.

Essa ilusão é mantida muito cuidadosamente. Quando a raiva faz o sangue ferver, ela é desviada para eleições ou para programas financiados pelo governo que temporariamente beneficiam interesses especiais. “Experiências” midiáticas promovidas por propagandas dão às pessoas a ilusão de que elas controlam seus próprios destinos, e permitem que elas canalizem suas frustrações em uma orgia de campanhas de extravagâncias. ⁽¹⁰⁾ Depois disso, as coisas continuam mais ou menos como antes. Enquanto as pessoas acreditarem que governam a si mesmas, elas não irão tomar nenhuma ação significativa contra a exploração. É por essa razão que os capitalistas têm muito cuidado em manter o prestígio inquestionável da democracia.

De acordo com P. R. Sarkar, a democracia política é a forma de governo preferida da classe aquisidora. Na democracia política, o poder político fica difuso por toda a população, tanto ignorantes quanto sábios, morais e imorais. Esse poder político difuso jamais poderá controlar o poder econômico concentrado dos capitalistas. Ao invés disso, ocorre o contrário: políticos sem apoio financeiro jamais verão a luz do dia, e a consciência popular é controlada pela mídia de propriedade dos capitalistas. Um poder concentrado sempre irá controlar um poder difuso – essa é a lei da força. Assim, dentro de uma democracia política a habilidade o estado para controlar as tendências acumuladoras da classe dos aquisidores é mínima, e em nome da liberdade pessoal um pequeno número de indivíduos justificam o seu direito de tomar da riqueza coletiva a parte do leão. As pessoas precisam urgentemente reconhecer que a democracia, nessa forma, na verdade está facilitando a exploração, em vez de impedi-la. Para dizer de forma ainda mais direta, a democracia tornou-se uma ferramenta de exploração cuidadosamente disfarçada.

Para controlar o poder econômico concentrado dos capitalistas, requer-se uma força muito maior do que ocasionalmente colocar votos num urna. Pessoas com moral ⁽¹¹⁾, unidas e bem-organizadas, com coragem para arriscar sua segurança pessoal, é o que se necessita, no fim das contas. Em outras palavras, “aja como um herói”. Essa potente capacidade e prontidão para lutar sempre vão ser a única linguagem que os exploradores entenderão, e portanto é a única força capaz de manter a paz e a justiça. Enquanto ela estiver presente, a humanidade pode respirar o ar fresco da liberdade, mas na hora em que ela for esquecida, a porta fica aberta para aqueles que poderão nos explorar.

(Nota: PROUT defende a democracia econômica, que enfatiza a descentralização do poder econômico, ou seja, a habilidade das pessoas locais e dos governos locais em controlarem os seus destinos econômicos. A democracia econômica é a democracia de verdade, pois ela pertence à nossa vida cotidiana. Apenas um governo forte poderia implementar e manter as regras de jogo justo implicadas na democracia econômica. Por isso, junto com a descentralização econômica, PROUT defende a centralização política. Uma elevada qualidade do governo poderia ser mantida introduzindo-se um sistema para a qualificação dos eleitores baseado no mérito / valor. Isto é o oposto exato da democracia política, na qual encontramos a centralização econômica – o poder econômico concentrado nas mãos de uns poucos –, e da descentralização política – o poder político conferido a todas as pessoas, independentemente de conhecimento, habilidade ou caráter.)

Itália: Salva pela Ação Direta

Vamos pegar um exemplo da década passada. A Itália tem sido uma democracia por um longo tempo, mas mesmo assim, apesar de milhões de votos depositados, a corrupção e o egoísmo político progressivamente alcançaram novas profundidades de ganância e desonestidade. As pessoas ficaram totalmente saturadas e desiludidas com os políticos e com o processo político. O que trouxe esperança para a Itália não foi a democracia, mas um pequeno grupo de juizes, promotores e policiais corajosos que estavam prontos para arriscar as suas vidas assumindo uma posição dura contra a corrupção. Na verdade, muitos foram mortos no decorrer da luta.

Eles seguiram a sua causa com tanta firmeza que uns poucos anos depois metade da legislatura estava “sob investigação”. Os chefes da máfia e grandes homens de negócios também estavam sendo detidos e presos, incluindo o ex-primeiro ministro Silvio Berlusconi. A impotência que as pessoas sentiam sob a democracia e o medo de falarem contra a máfia e a corrupção policial sumiram. Repentinamente as pessoas sentiram que podiam tomar o poder em suas próprias mãos. Perante essa onda popular, todo o estabelecimento político colapsou, mostrando como os exploradores são fracos quando as pessoas finalmente põem de lado a sua confiança no voto e recorrem à oposição real.

Conclusão

As pessoas devem despertar do sonho de conto de fadas e assumir a responsabilidade da luta real. Porque sob a democracia não podemos esperar nada mais do que lágrimas de crocodilo perante o desemprego crescente, enquanto as empresas deslocam suas fábricas para países onde há mão de obra barata e manipulam a mídia para transformar imigrantes indefesos em bodes expiatórios. A noção de uma família universal é algo que pode tornar-se a base da política econômica. O espírito da luta heróica contra a exploração é a segunda parte do espírito interno de PROUT. Não se trata de eleições democráticas, e sim daquelas pessoas com moral que estão prontas a aceitar o seu papel histórico, que podem garantir o bem-estar das pessoas e assegurar que grupos imorais e exploradores não permaneçam no poder.

Pós-escrito

P. R. Sarkar apontou os defeitos da democracia, mas afirmou que ela era o melhor sistema de governo desenvolvido até aqui. Ele sugeriu reformas que poderiam remover algumas das suas iniquidades (veja “Uma Constituição Ideal”, em *PROUT in a Nutshell*; também o seu livro *Sociedade Humana*, a ser publicado em português). Contudo, com ou sem reformas, o fato é que um grupo particular sempre irá dominar o ciclo social e, no final, tenderá à exploração, sempre criará a necessidade de um ativismo moral. Aqueles que aceitarem essa responsabilidade são os líderes verdadeiros da sociedade.

* * *

Tradução: Mahesh

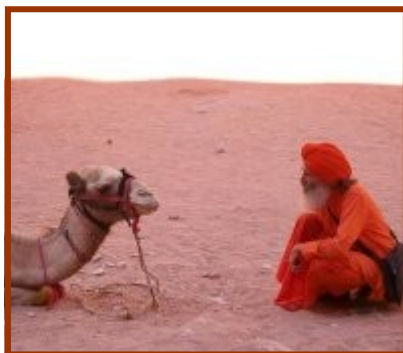
NOTAS DO TRADUTOR:

- (1) A expressão “corpo coletivo” refere-se, muito sucintamente, ao conjunto de pessoas treinadas e comprovadamente estabelecidas na prática da configuração mental de “modo de família”, ou seja, lideranças benevolentes da sociedade, reconhecidas como tais pela sociedade. São as pessoas que, coordenadamente, melhor exemplificam esse espírito de família, ou seja, servem como modelo ou embrião de sociedade ideal.
- (2) Esses dois princípios adicionais não fazem parte dos cinco princípios fundamentais.
- (3) CEO = *chief executive officer*, ou encarregado executivo principal.
- (4) Também podem ser entendidas respectivamente como força de introversão e força de extroversão.
- (5) Compare com esta citação: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” [Guimarães Rosa. *Grande Sertão Veredas*.]
- (6) A expressão “vaca sagrada” - ou *sacred cow*, no original em inglês – pode ser entendida como uma metáfora para um objeto ou prática que é considerada imune a críticas, especialmente sem uma base racional. Também como algo que se tem em consideração demasiado elevada para estar aberto a críticas ou restrições.
- (7) Curiosamente, na eleição presidencial de 2008 nos EUA, o candidato Barack Obama elegeu-se tendo como *slogan* de campanha a palavra “Change”, significando “mudança” (ou “mude”) – eleição essa que teve a maior participação do eleitorado estadunidense das últimas décadas, de cerca de 62%.
- (8) Esta é uma das proposições fundamentais, ou “princípios”, da teoria dos ciclos sociais, que é a parte de PROUT que trata da dinâmica básica de grupos e sociedades humanas.
- (9) Essas categorias na verdade refere-se às mentalidades básicas operantes na dinâmica dos ciclos sociais. A grosso modo, pode-se dizer que uma pessoa cuja mentalidade predominante seja, por exemplo, a mentalidade guerreira, é uma “guerreira”, mas a rigor todas as mentalidades básicas estão pelo menos latentes (em forma potencial) em cada ser humano, sendo pelo menos uma delas desenvolvida ao longo da vida de cada pessoa. São quatro no total, as mentalidades básicas, sendo a quarta a mentalidade de “trabalhador braçal”. Ela não é mencionada junto com as outras três, no texto, porque pessoas nas quais essa mentalidade predomine apresentam pequena ou irrisória

capacidade de liderança, e apenas têm chance de sobressair-se em um grupo formado exclusivamente por outras pessoas com a mesma mentalidade.

(10) No Brasil, um exemplo disto é o “sucesso” do programa televisivo Big Brother Brasil (BBB).

(11) O texto usa a palavra *moralists*, que significa “moralistas”. Entretanto, o termo “moralista” comumente é entendido em sentido pejorativo, muitas vezes denotando uma pessoa que prega mas não pratica a moralidade. O próprio sentido de moralidade ou moralismo também aparece seguidamente com o sinônimo de algo como um sistema de regras de conduta impostas a alguém, em vez de um sistema de conduta ou disciplina auto-imposto. Por isso, preferi usar a expressão “pessoas com moral”, no sentido de pessoas que “tem moral”, muitas vezes implicando que elas têm um reconhecimento positivo por parte das demais pessoas, e mesmo por parte de pessoas que se opõem a elas. Em acordo com isto, a moralidade ou moralismo tem um sentido bastante positivo e claramente definido nos trabalhos de P. R. Sarkar, a ponto de que Sarkar explica que a moralidade é a base necessária tanto para o progresso individual quanto para o progresso social ou coletivo.



Acarya Krsnasevananda Avadutha